

REPRESENTAÇÕES DE VIOLÊNCIA E MASCULINIDADE DO NORDESTE BRASILEIRO EM “ÀS SUAS ORDENS, SARGENTO”, DE JAIME HIPÓLITO DANTAS

[REPRESENTATIONS OF VIOLENCE AND MASCULINITY IN THE BRAZILIAN NORTHEAST IN “ÀS SUAS ORDENS SARGENTO”, BY JAIME HIPÓLITO DANTAS]

NETANIAS MATEUS DE SOUZA CASTROⁱ

<https://orcid.org/0000-0002-1157-7521>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Posse, GO, Brasil

PAULO HENRIQUE RAULINO DOS SANTOSⁱⁱ

<https://orcid.org/0000-0003-2936-7714>

Universidade Federal Rural do Semi-árido – Caraúbas, RN, Brasil

Resumo: Este artigo analisa o conto “Às suas ordens, sargento”, de Jaime Hipólito Dantas, com atenção voltada para as representações de violência e masculinidade nas personagens sargento e Zé Firmino. Para realizar essa análise, foi necessário considerar a construção narrativa como um todo, uma vez que as personagens não atuam sem os demais elementos que fazem parte do seu entorno e de suas composições. Assim, os elementos integrantes da narrativa constroem um universo diegético cujas figurações do masculino necessitam assumir uma performance que conote coragem e disposição para a violência, ainda que ela não se concretize fisicamente. As personagens, portanto, atuam a partir desses lugares sociais, representando masculinidades de hegemonia e subalternidade, ainda que isso se alterne juntamente com a topografia do conto. O duelo veladamente violento constituído pelo sargento e por Zé Firmino se mostra infindo em virtude da própria composição formal do conto que não o encerra, assim como são também aprisionantes as performances de masculinidade na sociedade representada textualmente.

Palavras-chave: Às suas ordens, sargento; Violência; Masculinidade

Abstract: This article analyzes the representations of violence and masculinity through the characters sargento and Zé Firmino in the short story “Às suas ordens, sargento”, by Jaime Hipólito Dantas. In order to undertake this analysis, it was imperative to consider the narrative structure as a whole, since the characters receive meaning through surroundings and their formal compositions. Thus, the elements that compose the narrative build a diegetic universe whose figurations of masculinity need to assume a performance that connotes courage and disposition towards violence, even if it does not materialize physically. The characters, therefore, act from social places, representing masculinities of hegemony and subalternity, although this alternates with the topography of the story. The veiled violent duel constituted by sargento and Zé Firmino is shown to be endless due to the very formal composition of the short story that does not end the possible conflict, as well as the imprisonment of these performances of masculinity and violence in the textually represented society.

Keywords: Às suas ordens, sargento; Violence; Masculinity

Introdução

Enquanto forma de expressão artística, a literatura se propõe a problematizar a experiência humana. Entretanto, para além de uma resposta, a produção literária é um questionamento; propõe perguntas na tentativa de representar uma totalidade *a priori* irrepresentável e inconceptível do ser. Sua produção e recepção surgem e se consumam através de relações contraditórias, evidenciando, em suas instâncias representativas e performativas, questões problemáticas acerca da própria realidade. É exatamente de seu arcabouço mimético, ou seja, da sua proposta de narrar o ser humano a partir de dados de inúmeros estratos sociais, que a literatura valida um diálogo entre o ficcional e o real; ao problematizar o humano, problematiza também a sociedade como um todo, fazendo de sua própria forma narrativa uma representação diegética daquilo que seria, grosso modo, tomado como o real.

Pensando por esse viés, “Às suas ordens, sargento”, conto do jornalista e escritor potiguar Jaime Hipólito Dantas (1928–1993), é representativo dessa apropriação estético-social pela literatura com fins de problematizar realidades e sujeitos, especificamente, a representação do homem interiorano do nordeste brasileiro. Jaime Hipólito Dantas é mais conhecido pela escrita de crônicas nos jornais mossoroenses durante a segunda metade do século XX. Natural de Caicó/RN, nasceu em 1º de dezembro de 1928, mudou-se com a mãe para Mossoró/RN, em 1938, após a morte do pai, residindo na localidade até 1985, quando se estabeleceu em Natal, capital do estado. Começou a trabalhar ainda cedo, atuando na adolescência em jornais como *O Mossoroense* e o *Diário de Mossoró*, sendo, mais tarde, redator e redator-chefe em ambos. Em suas colunas, tratou desde a política local até a literatura, sempre com tom combativo e polêmico (ONOFRE JÚNIOR, 2019). Apesar das dificuldades da vida no interior, formou-se em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 1959 e, entre 1966 e 1967, frequentou a Universidade de Swansea, no País de Gales, onde se diplomou em Política Social e Administração com a tese “Some Aspects of Regional Development Planning in Brazil”. Exerceu também o magistério na Universidade Regional do Rio Grande do Norte, lecionando disciplinas como Literatura Inglesa, Americana e Direito Penal. Para além de contos publicados em jornais e coletâneas pelo país (com destaque para “Noite de São João”, que recebeu

prêmio da revista *A Cigarra*, e “Conto de Ninar”, premiado pela revista *Globo*, de Porto Alegre), sua obra é composta por *Aprendiz de Camelô*, lançada em 1962; o plaquete *O Livro da Velhice de Grieco*, de 1972; *Estórias Gerais*, sua segunda coletânea de contos, com primeira edição de 1986; *De Autores e de Livros*, compilação de textos sobre crítica literária publicados em 1992, e *Cartas da Europa*, um apanhado de correspondências escritas pelo autor durante a sua passagem pelo continente durante a década de 1960, lançado postumamente em 2008.

“Às suas ordens, sargento” integra a coletânea *Estórias Gerais* (2008) e é um conto curto, de linguagem e dinâmica jornalística. Traz em sua composição sintética agilidade na ação, nos diálogos e nas configurações dos elementos narrativos, instituindo uma leitura fluida e sem desvios. O conto narra a visita do sargento à casa de Zé Firmino, motivada pelo seu mandado de prisão. Entretanto, a narrativa se limita a uma construção episódica do fato, uma vez que não cede ao interesse de justificar o conflito, situando as tensões que a movem em uma narrativa neutra, como se a ação da cena se desenvolvesse sem causa aparente. Dessa forma, resta ao texto a problematização da interação das personagens como núcleo estruturante do enredo, fato que ocorre quando Zé Firmino convida seu algoz a entrar em sua casa e aguardar enquanto ele se prepara para partir.

Serão analisados neste artigo a composição formal e de conteúdo do conto “Às suas ordens, sargento”, culminando na configuração de personagens enquanto representações metonímicas das identidades do homem sertanejo do semiárido nordestino, a partir dos seguintes movimentos: discutir a organização estrutural do texto; problematizar as concepções que representam o homem do sertão no imaginário popular, partindo da leitura da representação da masculinidade na obra. Para tanto, serão observadas as oposições constitutivas das personagens Zé Firmino e sargento, analisando como a dialética que surge dessas tensões evidencia a leitura social do masculino.

Além das potencialidades presentes no conto para a exploração estético-temática, há outra de caráter externo ao texto: a inexistente presença de estudos, publicados em periódicos, sobre a produção literária de Jaime Hipólito Dantas, citado apenas por sua produção jornalística. Esse fato certamente mantém relações com o que Tarcísio Gurgel chama de os ecos da “[...] extrema lentidão com que o progresso chegou ao Estado [...]” (GURGEL, 2001, p. 31) do Rio Grande do Norte. Há de se ressaltar que o crítico se refere às origens da literatura no ente federativo brasileiro, mas é natural que o atraso na gênese

das primeiras manifestações literárias, em relação ao próprio andamento da literatura brasileira, desperte efeitos em momentos vindouros. Ao menos, parece ser assim no caso da literatura potiguar.

Com essas constatações, não se pretende discutir o surgimento da literatura potiguar, tampouco negar a existência de escritores importantes antes do período republicano. Contudo, espera-se que sejam notadas as difíceis condições para a consolidação daquilo que Antonio Candido (2007) chamou, em *Formação da Literatura Brasileira*, de sistema literário: obras que formassem uma tradição literária, assim como autores e público, sendo este responsável, no âmbito do sistema, pela recepção dessas obras. Naturalmente, não se espera do Rio Grande do Norte a formação de um sistema à parte do nacional, mas, pelo menos, a sua inserção nesse, com a existência de um fluxo entre obras, autores e público leitor.

Considerações teóricas e analíticas

O principal fator analítico percebido durante a análise de “Às suas ordens, sargento” foi as várias dicotomias presentes na obra. Antes de entrarmos na análise das personagens, faz-se necessária a apresentação desses elementos que, mesmo parecendo secundários ao objetivo geral do artigo, são indispensáveis para a compreensão de sua proposta. Mais especificamente, essas oposições se estabelecem no âmbito do tempo, do espaço e dos ditos e não ditos.

Uma das primeiras evidenciadas é a existente entre dia e noite, construção que refletirá mais à frente na própria dialética constitutiva das duas personagens principais. Quando a ação começa a se desenvolver, deduz-se, a partir das marcas temporais da narrativa, que ainda seria o fim da madrugada: “[...] àquela hora as pessoas mal tinham começado a sair de suas casas e [o sargento] julgou que talvez devesse ter esperado um pouco mais” (DANTAS, 2008, p. 17). A tensão que se constitui na categoria temporal, portanto, está em um interstício, ou seja, um momento em que não se pode dizer se seria dia e ou noite, fato que dialoga diretamente com certa obscuridade de construções narrativas que permeia toda a ação, complementando a falta de explicação para certos hiatos que não são, e nem serão, preenchidos. Dessa forma, a narrativa é construída entre o dito e o não dito, entre o revelado e o velado, entre a claridade e a escuridão, e o tempo

é elemento decisivo no que tange à elucidação dos fatos que seriam facilmente resolvidos a partir do uso de analepse.

“Às suas ordens, sargento”, igualmente, usa consistentemente as delimitações topográficas. A narrativa tem início na rua, “bem em frente à casa de Zé Firmino” (DANTAS, 2008, p. 17), onde se estaciona a viatura. Ainda nesse início, há uma preocupação do narrador em mimetizar essa topografia, indicando as interações que se dão entre o espaço e as personagens. Para além dessa interação, o narrador amplia a sua perspectiva de construção do cenário. Os espaços da casa são também explorados, figurando na cena a sala, a cozinha, o banheiro e o quintal. É curioso que um conto tão curto tenha tantas referências ao espaço, sendo visível a importância topográfica para a construção da cena e para a interação personagem-espaço.

Ao adentrar na casa de Zé Firmino, o policial reconhece a demarcação de público e privado, ainda que pareça estar à vontade: “ajeitou-se melhor no sofá, estirou mais as pernas, espreguiçou-se” (DANTAS, 2008, p. 18). O policial, saindo do decoro exigido pelo exercício de suas funções, transita bem pelos espaços e atende ao convite do anfitrião para tomar o café da manhã. A forma como as personagens se portam dentro da casa é estranha quando se pensa numa abordagem policial convencional. Mesmo a atitude do sargento em relação ao homem a quem vai prender se torna ambígua, assumindo uma posição pacificada em relação ao ato que deveria cumprir.

Dentre as oposições que até agora foram exploradas, há ainda aquela relativa aos explícitos e implícitos. Em primeiro lugar, para que haja uma prisão, pressupõe-se a existência de um crime. No entanto, o suposto crime é apagado da narrativa, integrando os elementos não ditos. O momento mais próximo de uma alusão clara a ele ocorre quando o sargento conversa com os praças: “Parece ser um cara correto. Sabe o que fez, parece não se opor a pagar.” (DANTAS, 2008, p. 22). Dessa situação, surgem alguns questionamentos: por que a companhia de quatro praças, se o próprio sargento confessa que decidiu “que executaria sua prisão educadamente” (DANTAS, 2008, p. 18)? Por que o sargento permite que a relação entre ele e Zé Firmino se pessoalize a ponto de tomarem café juntos, de conversarem sobre a infância, sobre o sítio deste último ou sobre qualquer banalidade? Qual crime Zé Firmino teria cometido? Teria a prisão sido, de fato, executada? Tais perguntas não são formuladas com o objetivo de serem respondidas pelo conto, uma vez que isso constituiria tentar dizer o que o texto, intencionalmente, não

autoriza. Tentá-las responder seria uma inutilidade, mas, por outro lado, ignorar que elas são importantes para a leitura do conto, seria desconsiderar o próprio caráter ambíguo do gênero conto enquanto forma literária.

A esse respeito, é importante mencionar as formulações de Piglia (2004) sobre o gênero conto em *Formas Breves*. Sua primeira tese afirma que “um conto sempre conta duas histórias [...] O conto clássico [...] narra em primeiro plano a história 1 [...] e constrói em segredo a história 2 [...] Um relato visível esconde um relato secreto, narrado de um modo elíptico e fragmentário.” (PIGLIA, 2004, p. 89-90). Os postulados de Piglia (2004) corroboram exatamente com o que aqui se diz sobre a importância das perguntas formuladas acima sobre o conto “Às suas ordens, sargento”. Mais do que isso, dá conta do lugar da formulação delas para a leitura do conto, ou seja, elas integram a história 2, o relato secreto, que está posto na narração como uma elipse. Assim, o porquê do aparato policial para prender um homem que se revela como correto e disposto a se entregar, na visão do sargento; da relação que se dá para além dos papéis sociais que cada um cumpre; da prisão e se esta se concretiza ou não são signos que se articulam na história 2, nos implícitos que parecem figurar no conto como questões tão importantes de serem consideradas quanto a história explícita. Desse modo, o que é narrado e o que não é são as duas histórias do conto.

Todas as oposições supracitadas colaboraram para a própria tensão constitutiva das personagens. Vistos separadamente, o sargento e Zé Firmino representam lugares sociais significativos para a representação da masculinidade. É importante dizer que, no conto, figura-se apenas personagens masculinas, sendo que o feminino aparece apenas de forma indireta, na visão de um casal na rua, que, no universo diegético machista da narrativa, supõe-se ser formado por homem e mulher; ou na menção do sargento à sua esposa, que, por ser vendedora ambulante, é marcada pela ausência do convívio familiar. Mulheres, nesses dois exemplos, figuram a partir de olhares masculinos, como companhia ou como ausência dos homens. Ademais, tem-se um microcosmo heteronormativo, representado por uma instituição predominantemente masculina – a polícia – e pela ideia de duelo masculinizado entre a polícia e um criminoso.

A escolha pela narração heterodiegética institui um contraponto entre as perspectivas das duas personagens. Nunca nos é revelado as motivações ocultas do possível crime de Zé Firmino ou mesmo do conteúdo do seu mandado de prisão. Todavia,

sua passividade em relação ao ato evidencia o seu lugar no que Michel Foucault (2010, p. 25) chamaria de “relações de poder”. Não há, necessariamente, um parâmetro de igualdade entre ele e o sargento. O antagonismo dos dois é, inclusive, antecipado pela idealização social de hostilidade dos polos lei e desordem. Principalmente, quando se fala sobre a relação entre polícia e bandidagem no sertão, onde é possível deduzir que se passe o conto, esta costuma remontar naturalmente aos embates entre os grupos de cangaceiros e as volantes encarregadas de persegui-los. No imaginário popular local é, inclusive, natural uma admiração pelo fora da lei, que não está relacionada com a romantização da figura em si, ou mesmo com uma admiração pelo banditismo enquanto estilo de vida, mas acontece “[...] devido o (sic) culto a coragem e valentia que estava sempre presente na própria constituição da cultura do Nordeste sertanejo. Nordeste esse que se distingue do Nordeste europeizado do litoral” (DUTRA, 2013, p. 67). A condição da valentia como marca de masculinidade, ao menos no imaginário popular nordestino, seria portanto, um pressuposto singular da vida interiorana do semiárido, conectada com a relação social e com o caráter de sobrevivência material nesse ambiente físico; suas secas e animais selvagens demandariam uma abordagem diferenciada do homem sertanejo como centralizador da ação social e familiar em uma sociedade machista, de modo que “[...] menosprezar peculiaridades nacionais ou regionais, como se elas não existissem, [...] não é prática das mais recomendadas e desrespeita questões locais que podem exercer seu fascínio.” (SIMON, 2016, p. 12). Partindo dessa perspectiva, a conexão entre masculinidade e violência responderia a um pressuposto antropológico local, uma vez que

A violência masculina em contextos interpessoais e coletivos é, como todos os outros comportamentos culturais, expressivos e aprendidos. É profundamente significativo e, em sociedades de pequena escala, muitas vezes assume a forma de uma performance semelhante a outros comportamentos performativos. (MARTIN, 2012, p. 170)¹

Semelhante às formas de comportamento tribais, o homem sertanejo receberia culturalmente a pressão de assumir sua masculinidade na forma de um comportamento tendencioso à violência. No conto, pode-se tomar a personagem sargento como

¹ “Male violence in both interpersonal and collective contexts is like all other learned, expressive, cultural behaviors. It is deeply meaningful, and in small-scale societies it often takes the form of a performance similar to other performative behaviors” (MARTIN, 2021, p. 170).

precisando cumprir a sua função de determinada forma não apenas porque quer, mas por pressão social. Fazendo uso de sua posição de autoridade, o sargento busca coibir a personagem Zé Firmino, inclusive, desfrutando do aparelhamento estatal e da permissão de uso da força para agir. Mas é a partir da constituição física dele que o conto tensiona as primeiras cenas. “Gordo como um tonel, o sargento estacionou o furgão bem em frente à casa de Zé Firmino. Desceu, os quatro praças que o acompanhavam ficaram dentro, de sobreaviso. ‘Se precisar, dou o sinal’.” (DANTAS, 2008, p. 17). Seu sobrepeso apontaria para certa limitação do pleno desenvolvimento de sua função policial. Tanto o é que a personagem se desloca para o local acompanhada de uma guarnição significativa para prender um único homem.

O conto cria condições para um embate físico entre as duas personagens. Como já discutido, as posições topográficas em que ambas se encontram, e suas próprias posições sociais antagônicas, militar e civil, reforçam a ideia de um duelo possível, embora o embate nunca chegue às vias físicas. Entretanto, o estilo adotado na escrita do conto opta, com bastante frequência, pelo implícito e, de certo modo, pela ambiguidade. Assim como as motivações para a prisão de Zé Firmino e o que viria a ocorrer após o desfecho aberto da história, a violência é outro signo pertencente aos elementos ocultos do conto. Para Simon (2016, p. 15), “[...] a violência é uma das questões correlatas das masculinidades em contato com outros desdobramentos da temática, como o corpo”. Não se pode negar que a presença do sargento com todo o aparato estatal da polícia, afirmando a Zé Firmino “Vim buscar o senhor” (DANTAS, 2008, p. 18), exerça um poder coercitivo a partir de uma violência passiva. Ao ser abordado pelo sargento, Zé Firmino luta com as armas que dispõe: convida o sargento para entrar em sua casa, reduzindo numericamente a força policial para efetuar a prisão e amenizando a relação de hegemonia e subalternidade.

A dualidade entre dentro e fora da casa parece desenvolver uma dicotomia entre emoção e afeto. Seidler (1989, p. 157) discute que “Como homens, aprendemos a tratar as emoções e os sentimentos como sinais de fraqueza. Isso torna difícil para nós chegar a um acordo com nossas vidas e relacionamentos emocionais”². Quando entram na casa, as personagens permanecem ocultas aos olhares sociais. Como consequência, parece surgir uma abertura para a exteriorização de temas íntimos, como a solidão, e pueris, como

² “As men we learn to treat emotions and feelings as signs of weakness. This makes it difficult for us to come to terms with our emotional lives and relationships” (SEIDLER, 1989, p. 157).

alimentos preferidos. Tal diálogo, dada a situação de violência em que os dois se encontram, seria impossibilitado de ocorrer, por exemplo, na calçada da casa, lugar em que a cobrança pela masculinidade de ambos, e a função coercitiva do sargento, não permitiriam esse tipo de ação. Mais uma vez, a ação é um aceno para a caracterização de um tipo específico de masculinidade sertaneja, uma vez que, no Nordeste, “Ser ‘cabra macho’ requer ser destemido, forte, valente, corajoso. Nesta sociedade, o mole não se mete, não há lugar para homens fracos e covardes” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 288). Isso complementa a ideia de que parte da ação que será desenvolvida necessita de exteriorização, uma publicidade do ato para toda a cidade, como meio de demonstrar a constituição destemida da personagem sargento. Essa publicidade fica evidente nos momentos que antecedem a interação entre ele e Zé Firmino: “[o sargento] Deu quatro passadas, parou e olhou em volta. Pareceu-lhe que àquela hora as pessoas mal tinham começado a sair de suas casas e julgou que talvez devesse ter esperado o sol se altear um pouco mais (DANTAS, 2008, p. 17). Logo, vê-se que o poder detido pela personagem não emana somente de sua condição masculina individual, mas é algo concebido e aceito socialmente e, portanto, somente utilizado quando validado pelo grupo que o sustenta. Para Foucault (2010, p. 26), esse movimento se justifica uma vez que “[...] o poder se exerce em rede e, nessa condição, não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de ser submetidos a esse poder e também de exercê-lo”. A publicidade serviria, portanto, como ferramenta de validação do ato repressivo imposto a outra personagem e, conseqüentemente, da própria idealização de masculinidade do sargento.

A necessidade de tornar o ato público apontaria também para um caráter central da constituição do poder e da violência nas instâncias sociais, sendo exatamente ela a responsável pela caracterização da personagem Zé Firmino como oposição natural ao sargento. Haveria, de maneira intrínseca às instituições de repressão, uma necessidade social de manutenção da criminalidade. Nesse sentido,

A delinquência era por demais útil para que se pudesse sonhar com algo tão tolo e perigoso quanto uma sociedade sem delinquência. Sem delinquência não há polícia. O que torna a presença policial tolerável para a população senão o medo da delinquência? (Foucault, 2014, p. 225).

Mais do que um delinquente em si, a personagem Zé Firmino ocupa uma função que tem sua existência a partir de uma permissividade das próprias instâncias que a

deveriam reprimir. Textualmente, sua conduta fora da lei não é explicitada. Não sabemos de qual crime a personagem é acusada ou mesmo se sua personalidade corrompida teria uma atuação recorrente ou não. Ou seja, existe um sentimento de gratuidade em sua criminalidade, construída apenas como meio de ofertar um contraponto possível para a ação do sargento.

A partir do surgimento de Zé Firmino e, mais precisamente, da maturação de sua presença no conto, o narrador, ao colocar as duas personagens em oposição, posta-se no centro delas, ora dando a perspectiva do sargento, ora a de Zé Firmino. Semelhante ao que acontece com o sargento, o narrador apresenta a outra personagem a partir da descrição de elementos e reações físicas que dão conta de seu estado momentâneo: “Zé Firmino apareceu, enfim, os olhos vermelhos como sangue. Não tinha ainda lavado a boca nem a cara. Encheu os pulmões de ar fresco. Tossiu.” (DANTAS, 2008, p. 17). A ênfase é dada às características que refletem a visita do algoz, enfatizadas devido aos olhos vermelhos, por não ter dormido o suficiente na noite anterior ou ser acordado de maneira abrupta. Por outro lado, o uso de “vermelho como sangue” infere à personagem uma imagem de violência que, ironicamente, é desfeita logo em seguida por sua fragilidade ao tossir com o ar matinal.

Enquanto o policial está na sala, o narrador permanece próximo, dando conta de sua reação. Até então, parece que, com exceção do título, o narrador dá apenas a visão do sargento. No entanto, a partir daí, a narrativa também acompanha Zé Firmino, apresentando sua perspectiva:

Zé Firmino correu os olhos pelos móveis da sala. Pareceram-lhe empoeirados como o diabo. Imaginou como estaria o quarto, com a ventania da noite. Não tinha ainda espanado nada, e o próprio banheiro sabia que há dois dias não era lavado. Afinal, morava sozinho e tinha que fazer tudo sem a ajuda de ninguém. [...] Pediu licença e voltou à cozinha. Passou o café e, aproveitando, lavou a louça que dormira na pia. Enxugou-a e colocou-a na mesa, juntamente com o açucareiro, o queijo e a margarina. Abriu a geladeira e verificou que também ainda havia leite e duas salsichas. Retirou e pôs tudo na mesa. (DANTAS, 2008, p. 19-20).

Ao apresentar o olhar de Zé Firmino aos móveis empoeirados da sala, o narrador explora sentimentos íntimos da personagem, como a lembrança da noite anterior, o estado de limpeza de sua casa e sua própria solidão. Nesse momento, ele foge do estereótipo machista de masculinidade, dedicando a sua atenção a preocupações domésticas e

evidenciando o tom sentimental com que encara o momento de despedida de sua liberdade. Para tanto, tem-se acesso à consciência da personagem, dando-lhe seu ponto de vista através do discurso indireto livre. A partir daí, as perspectivas continuam se alternando entre os dois homens que protagonizam o conto.

Considerações finais

Procurou-se, neste artigo, analisar as representações do masculino através das personagens de “Às suas ordens, sargento”, de Jaime Hipólito Dantas. Para tanto, foi necessário estabelecer uma leitura dos elementos do conto, desde os cronotopos até as personagens e a posição de trânsito do narrador entre elas. Tem-se, no conto, uma forma literária que representa adequadamente as estruturas de poder e as representações do masculino. Tempo, espaço, narrador, personagens e a linguagem artística como um todo funcionam organicamente para construir uma diegese das problemáticas do homem do interior nordestino, especificamente aquelas relacionadas à masculinidade.

Esse homem sofre uma imposição social pela construção de uma identidade masculina que não necessariamente reflete as suas reais necessidades psicológicas. A exigência de uma performance pública de dureza e, conseqüentemente, de violência, institui uma identidade que muitas vezes encobre desejos e sentimentos conflitantes com essa idealização de homem. Vemos que esse tipo de masculinidade não necessariamente respeita uma fórmula universal, mas é construída localmente a partir de um diálogo constante entre homem e sociedade. Haveria, portanto, uma particularidade na formação da masculinidade no interior, com a cobrança pelo ser cabra da peste, o homem valente destemido que, tanto dentro da lei, como é o caso da personagem sargento, quanto possivelmente fora dela, como Zé Firmino, são obrigados a, na vida pública, corresponderem a essa caracterização, reprimindo sentimentos e sensibilidades. Essa masculinidade, portanto, tomaria a forma social de uma emergência da exteriorização de atos violentos.

No conto, isso é representado pela relação dialética entre as personagens sargento e Zé Firmino, que carregam consigo as contradições que o machismo impõe à própria masculinidade. Ambos performam o que a sociedade machista elege como padrão para o comportamento masculino, dentro dos limites de suas funções sociais de policial e

suposto criminoso. O fato de ser apenas suposto, inclusive, muito diz das relações de poder que se estabelecem entre homens, denunciando a arbitrariedade existente nelas. Mesmo assim, aquela personagem que está em posição subalterna encontra meios para se afirmar nesse embate de violência velada, ao usar sua casa como espécie de campo de batalha onde se torna menos vulnerável.

Exemplo desses modelos de interação são os próprios diálogos do conto, apresentados de modo a equilibrar as duas personagens, desenvolvidos, em sua maioria, a partir do revezamento de fala entre um e outro, pondo-os frente a frente tanto no âmbito das funções sociais que exercem quanto no do discurso. Durante toda a narrativa, as falas das duas personagens são um dos principais mecanismos utilizados pela narração para criar essa ideia de aparente passividade de um ato que se espera violento. O diálogo, supostamente pacato e cordial, transpõe para o verbal e para o implícito o embate que poderia ser físico e explícito. Surge a partir daí um equilíbrio entre as forças das duas personagens que, teoricamente, não deveria existir, haja vista a posição social de superioridade da personagem sargento em relação ao outro. O uso do discurso direto posiciona, em grande parte da trama, o controle da própria ação nas mãos das duas personagens. Dentro dessa dinâmica, o narrador em terceira pessoa funciona apenas como uma moldura que organiza e media a ação, que é desenvolvida e recebe seu significado através da própria relação dialética das personagens. Dessa forma, a perspectiva de focalização escolhida pelo narrador é neutra, não havendo preferência por nenhuma das personagens, assim como é fluida por oferecer as duas perspectivas.

É curioso observar que a narração não contempla a possível concretização do ato da prisão, terminando quando o sargento e Zé Firmino ainda estão dentro de casa. Por esse viés, entende-se o próprio espaço privado da casa como a prisão que representa a situação das personagens em relação às suas caracterizações de masculinidade, presos na performance pública de homens valentes. Dentro dos limites do que o texto narra, as personagens estão para sempre encarceradas dentro da casa, num embate com desfecho em aberto.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos 1750-1880*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

DANTAS, Jaime Hipólito. *Estórias gerais*. Mossoró: Queima-bucha, 2008.

DUTRA, Wesley Rodrigues. De cabra da peste a bode rei: identidades do semiárido. In: *Nordestes e nordestinidades: Histórias, representações e religiosidades*. Cajazeiras: Gráfica Real, 2013. p. 57-76.

GURGEL, Tarcísio. I parte: ... mas, porém bastante ousada. In: _____. *Informação da literatura potiguar*. Natal: Argos, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes: 2010.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo, Paz e Terra: 2014.

MARTIN, Debra L. Violence and masculinity in small-scale societies. *Current Anthropology*, [s. l.], v. 62, n. 23, p. 169-181, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1086/711689>>. Acesso em: 9 mar. 2021.

ONOFRE JÚNIOR, Manoel. *Jaime Hipólito Dantas e Mossoró*. [S. l.], 2019. Disponível em: <<https://papocultura.com.br/jaime-hipolito-dantas-e-mossoro/>>. Acesso em: 9 mar. 2021.

PIGLIA, Ricardo. *Formas breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SIMON, Luiz Carlos Santos. Fundamentos para pesquisas sobre masculinidades e literatura no Brasil. *Revista Estação Literária*, Londrina, Volume 16, p. 8-28, jun. 2016.

SEIDLER, Victor. *Rediscovering masculinity: Reason, language and sexuality*. London: Routledge, 1989.

Recebido em 07/09/2021
Aceito em 25/03/2022

ⁱ **Netanias Mateus de Souza Castro** possui graduação em Letras - Habilitação em língua portuguesa e suas respectivas literaturas, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); mestrado e doutorado em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UERN), no doutorado, pesquisou a internalização de processos sociais no romance de

José Lins do Rego. Tem experiência nas áreas de Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa, Teoria Literária e Língua Portuguesa. É professor EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano (IFGOIANO), já tendo lecionado em instituições como IFPA, IFRN, UERN e SEDUC-PB. **E-mail:** castronetanias@gmail.com

ii **Paulo Henrique Raulino dos Santos** é graduado em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Pau dos Ferros, e mestre pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da referida universidade. Foi professor do departamento de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST). Atualmente, é professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFERSA), campus de Caraúbas, participante do Grupo de Estudos Críticos da Literatura - GECLIT, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, e doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). **E-mail:** paulo.raulino@ufersa.edu.br